



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A CORRESPONDÊNCIA ENTRE HOMENS E MULHERES DE LETRAS
NA FRANÇA, NO SÉCULO XVII**

Beatriz Polidori Zechlinski*

Este trabalho provém de um estudo sobre a correspondência entre escritoras francesas e seus amigos, na segunda metade do século XVII. A análise dessa correspondência permite-nos observar as trocas literárias e afetivas entre homens e mulheres de letras nesse período, possibilitando verificarmos a amizade e o intercâmbio literário como aspectos complementares nas relações interpessoais dessa época. São recorrentes nessas cartas os comentários sobre livros, leituras e a própria produção literária das escritoras e dos escritores.

Era muito frequente que eles se enviassem versos ou fragmentos de obras literárias, não só de sua própria autoria, mas também de outros autores, e que os comentassem e os julgassem. Por outro lado, são recorrentes as cobranças afetivas, de atenção e de carinho, ou mesmo a demonstração de ciúme. Assim, percebemos que a troca de correspondências foi uma prática favorável para um tipo específico de criação literária daquela época, que era uma criação coletiva, tanto quanto para a manutenção de longas amizades entre homens e mulheres, o que se configurava como uma experiência nova nas relações de gênero do princípio da modernidade.

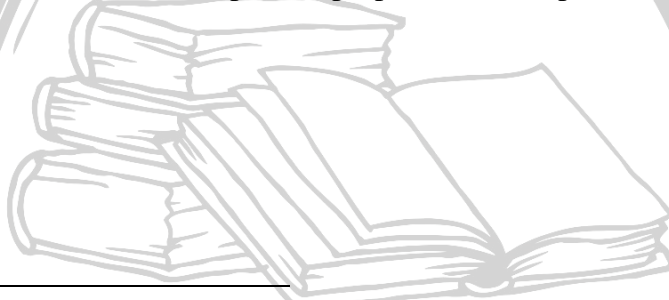
* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora colaboradora do Curso de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Para podermos demonstrar com um maior aprofundamento essas questões, escolhemos destacar neste texto a correspondência trocada entre Jacqueline Pascal e seus irmãos, Blaise Pascal e Gilberte Pascal. O estabelecimento de laços afetivos e intelectuais entre os irmãos possibilitou a Jacqueline que ela desenvolvesse a sua personalidade de mulher de letras e de escritora, tendo publicado poesias e tratados morais, especialmente sobre a educação de meninas. Sua entrada no Monastério de Port-Royal, em 1652, veio corroborar com esse desejo pelo caminho das letras.

Quando Jacqueline Pascal entrou em Port-Royal ela deixou relações familiares de grande proximidade e de companheirismo, especialmente com o seu irmão, Blaise Pascal (1623-1662), e a sua irmã, Gilberte Pascal (1620-1687), que foi denominada Madame Périer após o seu casamento com Florin Périer.

A mãe dos três irmãos, Antoinette Begon, morreu em 1626, pouco tempo depois do nascimento de Jacqueline, deixando o marido, Étienne Pascal, sozinho na criação dos filhos.¹ Étienne Pascal, homem de letras, foi advogado e intendente da província de Clermont-Ferrand, onde costumava receber em sua casa outros letrados, principalmente matemáticos e físicos.² Étienne se ocupou pessoalmente da educação dos seus filhos, sendo que Blaise e Gilberte colaboraram na educação da irmã caçula. Segundo Marguerite Périer, filha de Gilberte, Étienne ensinou às três crianças matemática, filosofia e história, sem fazer grandes distinções entre o menino e as duas meninas.³

Quando Jacqueline tinha seis anos, em 1631, Étienne resolveu mudar-se com toda a família para Paris, onde passou a frequentar tanto salões quanto academias. Gilberte, conforme o relato feito por ela própria, ficou responsável por ensinar a ler a



¹ CONLEY, John J. "Introduction." In: PASCAL, Jacqueline. *A rule for children and other writings*. Editado e traduzido por John J. Conley. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. pp. 1-17.

² Conforme as informações de Victor Cousin. Ver COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. p. 23.

³ PÉRIER, Marguerite. "Mémoire sur sa famille." In : PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 418-446.

irmã, que era cinco anos mais nova.⁴ Ao que parece, os esforços familiares foram muito eficazes na educação de Jacqueline Pascal, pois aos oito anos ela já escrevia poesia.⁵

Desde muito jovens os três filhos de Étienne Pascal frequentavam os salões parisienses, sendo que já aos onze anos Jacqueline ficou conhecida por uma peça que escreveu e representou pelo menos duas vezes junto com outras duas meninas.⁶ As poesias de Jacqueline também faziam sucesso nos salões literários, o que possibilitou que ela tivesse um livro publicado já aos doze anos, em 1637, *Vers de la petite Pascal*.⁷

Em 1638, por causa de um desentendimento com o cardeal Richelieu, Étienne Pascal foi obrigado a deixar temporariamente Paris, mas seus filhos permaneceram na cidade. Conforme podemos constatar em uma carta que Jacqueline enviou ao seu pai em quatro de abril de 1639, foi a representação que ela fez de uma peça escrita por Georges de Scudéry, *l'Amour tyrannique*, na casa da Duquesa de Aiguillon (sobrinha de Richelieu), que reabilitou a imagem de Étienne frente ao cardeal, podendo este na ocasião retornar a Paris.⁸

Após a reconciliação, foi justamente o cardeal Richelieu quem indicou Étienne Pascal para ocupar o cargo de supervisor de impostos em Rouen, na Normandia. Desta vez os três filhos o acompanharam na nova mudança de cidade. A Normandia era uma região que dispunha de diversos salões, permitindo à família Pascal continuar o tipo de convívio mundano a que estavam acostumados em Paris. Foi em Rouen que eles se aproximaram do proeminente dramaturgo Pierre Corneille, que, conforme John J. Conley, ajudou Jacqueline a ganhar um prêmio em 1640, *Prix de la Tour*, pela poesia intitulada *Sur la conception de la Vierge*.⁹ De acordo com Conley, foi também em Rouen que a família Pascal aproximou-se do movimento jansenista, por volta de 1646.

⁴ PÉRIER, Gilberte. "Mémoire composé et écrit de la main de Madame Périer touchant la vie de la soeur Jacqueline de Sainte-Euphémie Pascal sa soeur." In : _____. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 54-77. p. 54.

⁵ CONLEY, John J. Introduction... Op. cit. p. 2.

⁶ PÉRIER, Gilberte. Mémoire composé et écrit... Op. cit. p. 56.

⁷ CONLEY, John J. "Introduction"... Op. cit. p. 3.

⁸ Nessa carta Jacqueline relata ao pai tudo o que aconteceu na casa da Duquesa de Aiguillon e expressa a satisfação de poder ajudá-lo. Ver PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon père. De Paris, ce 4 avril 1639." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*... Op. cit. pp. 72-75.

⁹ CONLEY, John J. "Introduction"... Op. cit. p. 3 A poesia de Jacqueline Pascal, *Sur la conception de la Vierge*, está em PASCAL, Jacqueline. "Sur la conception de la Vierge." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*... Op. cit. pp. 78-79.

Em 1647, Jacqueline e Blaise retornaram a Paris, sendo que Gilberte permaneceu em Rouen com o pai. Paris era a cidade mais adequada para Blaise desenvolver seus primeiros experimentos sobre o vácuo¹⁰ e assim (pelo que podemos perceber pelas cartas enviadas por Jacqueline ao seu pai e à Gilberte) ela havia seguido o seu irmão no retorno à capital porque frequentemente o ajudava na escrita dos trabalhos que ele desenvolvia. Na carta que Jacqueline enviou a Étienne Pascal em dezenove de junho de 1648, por exemplo, ela explicava a ele que não haveria problema em deixar o seu irmão sozinho por alguns dias para se retirar em Port-Royal, já que Blaise facilmente encontraria outra pessoa para ajudá-lo com a escrita.¹¹

A partir do ano de 1648 cresceu a correspondência entre Jacqueline e Gilberte, que se utilizavam das cartas para tratar de assuntos domésticos. Além das questões cotidianas que concerniam também ao pai e ao irmão, evidencia-se que a correspondência entre Jacqueline e Gilberte permitia à futura irmã de Port-Royal desenvolver e expressar seus pensamentos sobre a religião. A escrita de cartas a uma pessoa tão próxima como era a sua irmã, que inclusive a havia ensinado a ler, permitiu a Jacqueline ensaiar por escrito, pela primeira vez, os pensamentos que seriam posteriormente explicitados nos seus tratados morais. Ela declarou à irmã o quão livre era a sua expressão sobre a teologia quando ela lhe escrevia as cartas: “Eu te transmito tudo o que vem ao pensamento” [“Je te mande tout ce qui vient à la pensée”]¹².

Nesse período vemos que Jacqueline apresentava grande proximidade com a teologia de Port-Royal. Na carta que enviou para Gilberte em vinte e quatro de março de 1648, a escritora faz várias referências a M. de Saint-Cyran e a M. Singlin, demonstrando que nesse momento já estava totalmente envolvida pelo pensamento dos diretores de Port-Royal e que fazia leituras especialmente das cartas de Saint-Cyran e dos textos de Santo Agostinho. Na próxima carta que enviou para Gilberte, em primeiro de abril de 1648, a futura irmã de Port-Royal ensaiou algumas interpretações da Bíblia, o que se repetiria nas cartas que se seguem desse ano em diante.

¹⁰ Ibidem. p. 4.

¹¹ PASCAL, Jacqueline. “Monsieur mon Père. A Paris, ce 19 juin 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 106-113.

¹² PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 100-106. p. 100.

Assim, antes de entrar em Port-Royal, vemos que Jacqueline considerava a irmã não só como um ente querido, com quem dividia os problemas familiares, mas antes de tudo como uma interlocutora com quem desejava compartilhar a suas ideias relativas à teologia, desencadeadas pelas frequentes leituras que fazia. A irmã se tornou a receptora privilegiada dos pensamentos que as leituras provocavam em Jacqueline e a prática de escrever as cartas se mostrou um modo ideal para começar a desenvolver a expressão escrita das suas concepções sobre a vida e a religião. Em primeiro de abril de 1648, sua carta dizia mais sobre suas opiniões e sobre os conceitos que desenvolvia do que sobre a vida cotidiana que levava em Paris:

Qualquer semelhança que a natureza criada tenha com o seu Criador, e ainda que as pequenas coisas e as menores e as mais vis partes do mundo representem ao menos pela unidade delas a perfeita unidade que só se encontra em Deus, não podemos legitimamente dar a elas o respeito soberano, porque não há nada de mais abominável aos olhos de Deus e dos homens do que a idolatria, porque dessa forma damos à criatura a honra que deve ser dada ao Criador. A Escritura está cheia de vinganças que Deus exerceu sobre aqueles que foram culpados, e o primeiro mandamento do Decálogo, que encerra todos os outros, proíbe sobre todas as coisas adorar as imagens. Porque, como ele é muito mais ciumento das nossas afeições do que dos nossos respeitos, é visível que não há crime que seja mais injurioso nem mais detestável do que amar soberanamente as criaturas, seja o que for que elas representem.

[Quelque ressemblance que la nature crée ait avec son Créateur, et encore que les moindres choses et les plus petites et les plus viles parties du monde représentent au moins par leur unité la parfaite unité qui ne se trouve qu'en Dieu, on ne peut pas légitimement leur porter le souverain respect, parce qu'il n'y a rien de si abominable aux yeux de Dieu et des hommes que l'idolâtrie, à cause qu'on y rend à la créature l'honneur qui n'est dû qu'au Créateur. L'Écriture est pleine des vengeances que Dieu a exercées sur ceux qui ont été coupables, et le premier commandement du Décalogue, qui enferme tous les autres, défend sur toutes choses d'adorer les images. Car, comme il est beaucoup plus jaloux de nos affections que de nos respects, il est visible qu'il n'y a point de crime qui lui soit plus injurieux ni plus détestable que d'aimer souverainement les créatures, quoiqu'elles le représentent.]¹³

Assim como esse são recorrentes nas cartas de Jacqueline à Gilberte os longos trechos nos quais ela faz citações e interpretações da Bíblia, das cartas de Saint-Cyran, de Santo Agostinho e de outros textos religiosos. Concluimos, portanto, que o compartilhamento intelectual dela com os irmãos, desenvolvido com base no estabelecimento de uma amizade e não somente em uma simples relação familiar, trouxe

¹³ PASCAL, Jacqueline. "Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 100-106. p. 104.

para a vida dos três uma vivência de compartilhamento de leituras e de escritas, permitindo a cotidiana troca de ideias, especialmente sobre teologia.

Embora tenham sobrevivido poucas cartas escritas de Jacqueline à Blaise Pascal, podemos deduzir que no período em que viviam em Paris, a leitura e a escrita eram práticas compartilhadas por ambos. Certamente assim como escreviam em conjunto (tanto as cartas quanto os próprios trabalhos do filósofo) também liam juntos e debatiam sobre religião e filosofia. As cartas enviadas por Gilberte são uma das leituras que uniam Jacqueline e o irmão: “Tua carta nos fez lembrar de uma pequena desavença que nós tínhamos perdido a memória (...)” [“Ta lettre nous a fait ressouvenir d’une brouillerie dont on avoit perdu la mémoire (...)”]¹⁴.

Notamos que a carta de primeiro de abril de 1648 enviada a Gilberte foi escrita em conjunto por Jacqueline e Blaise, embora seja ela quem de fato coloque as palavras no papel. Seguidamente Jacqueline utilizava o plural referindo-se a ela e ao irmão: “Nós várias vezes começamos a te escrever” [“Nous avons plusieurs fois commencé à t’écrire (...)”]¹⁵. A carta endereçada a Gilberte datada de cinco de novembro de 1648, mais uma vez eles escrevem juntos, pois esta inclusive foi assinada pelos dois e, ao final, depois das assinaturas, Jacqueline escreveu um pensamento do irmão: “Da mão de M. Pascal: ‘Se tu sabes de alguma boa alma, faça-a rezar a Deus por mim também’.” [“De la main de M. Pascal: ‘Si tu sais quelque bonne ame, fais-la prier Dieu pour moi aussi.’”]¹⁶.

Nessa carta de cinco de novembro podemos notar que a prática da escrita em conjunto permitia aos dois irmãos expressarem opiniões e pensamentos que compartilhavam. Com efeito, o momento de escrever à Gilberte era uma das ocasiões em que os dois debatiam primeiramente as ideias que depois colocariam no papel. As cartas demonstram que Jacqueline e Blaise refletiam sobre as questões familiares, mas também sobre assuntos mais amplos, e que essas ocasiões de reflexão estavam cercadas por meditações e julgamentos, por debates intelectuais que as leituras lhes proporcionavam.

¹⁴ PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 114-120. p. 114.

¹⁵ PASCAL, Jacqueline. PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648.”... Op. cit. p. 101.

¹⁶ PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 114-120. p. 120.

É assim que na carta que escreveram juntos em cinco de novembro de 1648 e endereçaram a Gilberte, os dois fizeram uma longa reflexão sobre questões relativas à memória e à instrução religiosa. A carta se inicia com a referência ao desentendimento familiar (citado anteriormente) e segue-se com considerações sobre a importância de recordar e de esclarecer determinados acontecimentos:

(...) tu dizes que não é necessário nos repetir as coisas, pois nós as sabemos já bem; o que nos fez temer que tu não colocasses aqui diferença suficiente entre as coisas das quais tu falas e aquelas das quais o século fala, já que é sem dúvida suficiente ter aprendido uma vez aquelas [as coisas das quais tu falas], e de tê-las bem guardadas, para não ter mais a necessidade de ser instruído sobre elas, ao passo que não é suficiente ter uma vez compreendido as de outra sorte e de tê-las conhecido da boa maneira, quer dizer pelo movimento interior de Deus, para conservar dele o conhecimento de mesma sorte, ainda que conservemos bem a recordação. Não é que não possamos dele bem recordar, e que não se aprenda tão facilmente com uma carta de São Paulo do que com um livro de Virgílio; mas os conhecimentos que nós adquirimos dessa maneira, assim como a sua continuação, são apenas um efeito dessa memória; ao passo que para bem escutar a língua secreta e estranha daqueles que são do céu, é preciso a mesma graça que pode somente dar a primeira inteligência, continuando-a e tornando-a sempre presente no coração dos fiéis para fazê-los sempre viver.

[...] tu dis qu'il n'est pas nécessaire de nous répéter ces choses, puisque nous les savons déjà bien ; ce qui [sic] nous fait craindre que tu ne mettes pas ici assez de différence entre les choses dont tu parles et celles dont le siècle parle, puisqu'il est sans doute qu'il suffit d'avoir appris une fois celle-ci, et de les avoir bien retenues, pour n'avoir plus besoin d'en être instruit, au lieu qu'il ne suffit pas d'avoir une fois comprises celles de l'autre sorte et de les avoir connues de la bonne manière, c'est à dire par le mouvement intérieur de Dieu, pour en conserver la connoissance de la même sorte, quoiqu'on en converse bien le souvenir. Ce n'est pas qu'on ne s'en puisse bien souvenir, et qu'on ne retienne aussi facilement une épître de Saint Paul qu'un livre de Virgile ; mais les connoissances que nous acquérons de cette façon, aussi bien que leur continuation, ne sont q'un effet de cette mémoire ; au lieu que pour y entendre le langage secret et étranger à ceux qui le sont du ciel, il faut que la même grâce qui peut seule en donner la première intelligence, la continue et la rende toujours présente en la retraçant sans cesse dans le coeur des fidèles pour les faire toujours vivre.]¹⁷

Notamos que Jacqueline e Blaise transpõem o caso familiar colocado pela irmã para fazerem uma longa observação sobre as formas de recordar acontecimentos sociais ou mesmo políticos, as coisas “das quais o século fala”. Segundo Jacqueline e Blaise as pessoas deveriam retirar exemplos desses acontecimentos sociais, assim como deveriam

¹⁷ Ibidem. p. 116-117.

extrair ensinamentos das leituras que faziam. Dessa forma, as questões relativas ao mundo e à religião deveriam ser sempre recordadas e reaprendidas, porque o conhecimento nada mais era, como eles dizem, do que um efeito da memória – a sabedoria que restava aos indivíduos era, portanto, um efeito de recordação do que eles aprenderam.

Esse modo de pensar explicitado na correspondência condiz com o desejo que vemos posteriormente expresso nos escritos de Jacqueline Pascal em Port-Royal de registrar uma memória do monastério e das ações das religiosas. O casamento das ideias de Blaise e de Jacqueline com os ideais de Port-Royal se mostra também no restante da carta, onde eles seguem explicando a sua concepção sobre a “graça”, sobre como uma pessoa deveria conservar a graça recebida de Deus através da manutenção do espírito, pelos bons hábitos diários de enriquecer a “inteligência”. Eles terminaram inclusive a missiva com uma citação de Santo Agostinho: “(...) do que tu sabes que Santo Agostinho fala em uma de suas cartas (...)” [“(…) dont tu sais que Saint Augustin parle dans une de ses lettres (...)”]¹⁸.

Assim como Jacqueline compartilhava com o irmão uma vida dedicada à leitura e à escrita, a vida ao lado dele em Paris também proporcionava o contato com muitos homens letrados, filósofos e cientistas que costumavam visitar Blaise Pascal. A casa dos Pascal em Paris foi durante alguns anos uma residência onde debates teológicos, filosóficos e científicos faziam parte do cotidiano. Em vinte e cinco de setembro de 1647, Jacqueline fez questão de relatar para Gilberte a visita que René Descartes fez a Blaise Pascal, acontecida por intermédio de Habert de Montmor, um mecenas de homens de letras e de filósofos:

Minha cara irmã, eu demorei a te escrever porque eu queria te contar por completo o encontro de M. Descartes e de meu irmão; e eu não tive o prazer ontem de te dizer que domingo à noite M. Habert veio aqui acompanhado de M. de Montigny da Bretanha que vinham me dizer, na ausência do meu irmão que estava na igreja, que M. Descartes, seu compatriota e bom amigo, tinha expressado muita vontade de ver meu irmão, por causa da grande estima que ele tinha pelo senhor meu pai e por ele, e que dessa forma ele tinha pedido para que viessem ver se ele não incomodaria meu irmão, porque sabia que ele estava doente, vindo visitá-lo no dia seguinte às nove horas da manhã.

[Ma chère soeur, j’ai différé à t’écrire parce que je voulais te mander tout au long l’entrevue de M. Descartes et de mon frère ; et je n’eus pas le loisir hier de te dire que dimanche soir M. Habert vint ici accompagné de M. de Montigny de Bretagne qui me venoit dire, au défaut de mon frère qui étoit à l’église, que M. Descartes, son compatriote et bon ami,

¹⁸ Ibidem. p. 120.

avoit fort témoigné avoir envie de voir mon frère, à cause de la grande estime qu'il avoit ouï faire de M. mon père et de lui, et que pour cet effet il l'avoit prié de venir voir s'il n'incommoderoit point mon frère, parcequ'il [sic] sçavoit qu'il étoit malade, en venant céans le lendemain à neuf heures du matin.]¹⁹

Podemos perceber que a proximidade de Blaise com os outros homens de letras devia-se, além da apreciação que o seu próprio trabalho gerava, também à reputação do seu pai, como observou Jacqueline. Assim, percebemos que Étienne Pascal não somente proporcionou aos filhos uma apurada educação, mas, além disso, que a sua inserção nos espaços letrados abriu o caminho para os filhos poderem desfrutar de boas relações pessoais, necessárias na carreira dos homens de letras daquela época.

De acordo com o relato que Jacqueline faz dessa ocasião, a visita de Descartes a Blaise Pascal havia sido acompanhada por outros letrados, além de Habert de Montmor, também pelo Monsieur de Montigny e pelo Monsieur de Roberval. Na ocasião debateram diversos assuntos, com direito inclusive a uma longa discussão entre René Descartes e Monsieur de Roberval concernente a questões tanto de teologia quanto de física.

Mas na realidade a visita do filósofo devia-se ao fato de Blaise encontrar-se doente naquela ocasião e, a princípio, Descartes poderia ajudá-lo a descobrir a causa do mal que sofria e a indicar o tratamento adequado. No entanto, conforme a nossa missivista, o filósofo não ajudou muito nesse sentido, o que levou Jacqueline a expressar para a irmã uma espécie de reprimenda sobre as muitas opiniões divergentes naquele momento que especulavam sobre a saúde do seu irmão, mas que na realidade não ajudavam em nada.²⁰

Compreendemos assim que em razão da rede de relações advindas do irmão, Jacqueline Pascal se encontrava inserida no ambiente letrado, presenciando em sua casa os mais efervescentes debates intelectuais, fosse sobre filosofia ou mesmo medicina. Porém, o interesse da escritora mostra-se mesmo pela teologia e em meados do ano de 1648, Jacqueline Pascal já estava completamente atraída pelo desejo de ingressar em Port-Royal. A inclinação por esse monastério em particular não era por acaso, visto que essa

¹⁹ PASCAL, Jacqueline. "Paris, le 25 septembre 1647." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 94-98. p. 94.

²⁰ Ibidem. p. 97.

era uma casa religiosa reconhecida por manter no seu interior uma intensa vida intelectual.

Porém, Jacqueline não obteve de seu pai o consentimento necessário para que ela entrasse definitivamente na vida religiosa. Assim, no ano de 1649, em vez de retirar-se para Port-Royal como desejava, Jacqueline acompanhou Étienne Pascal em viagem a Auvergne e depois passou dezessete meses na casa da irmã em Clermont-Ferrand, quando esta já estava casada e havia voltado para a cidade natal.

Nos últimos meses de 1650 Jacqueline voltou para Paris com o seu pai e dedicou-se a cuidar dele durante quase um ano. Quando Étienne faleceu em vinte e quatro de setembro de 1651 não havia mais nada que impedisse Jacqueline a seguir a vocação religiosa a qual o pai havia durante tanto tempo se oposto.

O consentimento do irmão para a sua entrada no monastério também não aconteceu sem resistências, conforme vemos Jacqueline relatar em carta enviada para a Madre Angélique Arnauld.²¹ Justamente com o objetivo de convencê-lo, Jacqueline escreveu a Blaise em março de 1652 pretendendo persuadi-lo de que esse era o seu desejo mais íntimo e que seguir esse caminho era necessário para que ela cumprisse com a sua vocação.²² Em carta à Gilberte do mesmo período, a futura irmã de Sainte-Euphémie lamentou-se da resistência que o irmão oferecia em compreender a sua vontade individual.²³

Todavia, independentemente dos desacordos desse período, em que Blaise não se sentia convencido da necessidade de Jacqueline retirar-se do mundo (talvez mesmo porque não desejasse perder a companhia da irmã), enfatizamos que a relação afável de Jacqueline com os irmãos influiu na dedicação empregada por ela à escrita e à leitura. Blaise era uma presença importante no seu cotidiano, pois era com o irmão que ela dividia a sua íntima ligação com o mundo das letras – compartilhavam a escrita, a leitura, os

²¹ PASCAL, Jacqueline. “Relation de la soeur Jacqueline de Saint-Euphémie Pascal. Gloire a Jésus, au très Saint Sacrement. A Port-Royal, ce 10 juin 1653.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 163-219. p. 187.

²² PASCAL, Jacqueline. “Mon très cher frère. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 7/9 mars 1652.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal...* Op. cit. pp. 150-160.

²³ PASCAL, Jacqueline. “Extrait d’une lettre de Mademoiselle Jacqueline Pascal a Madame Périer sa soeur. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 10 mai 1652.” In: PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscles et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce.* Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vatton, 1845. pp. 344-345.

pensamentos, os debates e também as relações que mantinham com outros homens de letras.

Já Gilberte Pascal foi uma confidente e foi a sua primeira interlocutora, pois Jacqueline partilhou com ela desejos e angústias, assim como dividiu com ela as primeiras meditações teológicas que se permitiu fazer. Era para Gilberte que a escritora desejava externar os seus primeiros pensamentos e ideias sobre a religião, o que era proporcionado por essa escrita quase diária. A correspondência entre as irmãs demonstra que as cartas permitiam a manutenção do vínculo amistoso, proporcionando a Jacqueline o prazer na prática da escrita. Assim, a missivista foi desenvolvendo uma reflexão crítica sobre os assuntos religiosos, sem que isso significasse necessariamente o comprometimento de ser de fato “escritora”, o que acarretava outras responsabilidades e preocupações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONLEY, John J. “Introduction.” In: PASCAL, Jacqueline. *A rule for children and other writings*. Editado e traduzido por John J. Conley. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. pp. 1-17.

COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856.

PASCAL, Jacqueline. “Autre lettre a la même. Ce 1^{er} avril 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 100-106.

PASCAL, Jacqueline. “Extrait d’une lettre de Mademoiselle Jacqueline Pascal a Madame Périer sa soeur. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 10 mai 1652.” In: PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 344-345.

PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 114-120.

PASCAL, Jacqueline. “Ma chère soeur. A Paris, ce 5 novembre 1648.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 114-120.

PASCAL, Jacqueline. “Mon très cher frère. A Port-Royal du Saint-Sacrement, ce 7/9 mars 1652.” In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes

illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. Op. cit. pp. 150-160.

PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon Père. A Paris, ce 19 juin 1648." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 106-113.

PASCAL, Jacqueline. "Monsieur mon père. De Paris, ce 4 avril 1639." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 72-75.

PASCAL, Jacqueline. "Paris, le 25 septembre 1647." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 94-98.

PASCAL, Jacqueline. "Relation de la soeur Jacqueline de Saint-Euphémie Pascal. Gloire a Jésus, au très Saint Sacrement. A Port-Royal, ce 10 juin 1653." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 163-219.

PASCAL, Jacqueline. "Sur la conception de la Vierge." In: COUSIN, Victor. *Jacqueline Pascal*, premières études sur les femmes illustres et la société du XVIIe siècle. 3^a ed. Paris: Didier et Cie, Libraires Éditeurs, 1856. pp. 78-79.

PÉRIER, Gilberte. "Mémoire composé et écrit de la main de Madame Périer touchant la vie de la soeur Jacqueline de Sainte-Euphémie Pascal sa soeur." In : _____. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 54-77.

PÉRIER, Marguerite. "Mémoire sur sa famille." In : PÉRIER, Gilberte. *Lettres, opuscules et mémoires de Madame Périer e de Jacqueline, soeurs de Pascal, et de Marguerite Périer, sa nièce*. Publiés sur les manuscrits originaux par M. P. Faugère. Paris: Auguste Vaton, 1845. pp. 418-446.

